

OS SERTÕES DA FOME: A HISTÓRIA TRÁGICA DAS MINAS DE OURO EM FINS DO SÉCULO XVII

Adriana Romeiro¹

Entre os anos de 1695, quando foram enviadas as primeiras amostras de ouro a Lisboa, e 1705, vésperas do levante emboaba, a população das Minas atingiu a vertiginosa cifra de 30 mil habitantes, segundo o cálculo confiável do sertanista Garcia Rodrigues Pais. Em apenas dez anos, os sertões mineiros assistiram a um rush sem precedentes na América Portuguesa, deslocando um grande contingente populacional para uma região inóspita e agreste, situada no interior do continente, em meio a matos densos e rios caudalosos. O povoamento acelerado desencadeou ondas de fome que varreram a região entre os anos de 1698 e 1699, e entre os anos de 1700 e 1701, ceifando a vida de milhares e desestruturando por completo os trabalhos de mineração, paralisados em razão do êxodo populacional. Mesmo depois de 1705, quando as rotas de abastecimento encontravam-se consolidadas, a fome continuaria a ser a mais fiel das companheiras.

Há toda uma história da fome por se escrever - uma história trágico-sertaneja que evoca os horrores de uma terra devastada pelas populações famintas. O objetivo aqui é refletir sobre os surtos de fome, as técnicas improvisadas para garantir a sobrevivência e a influência que as fomes tiveram na caracterização do espaço natural e simbólico das Minas, conformando um certo olhar sobre a paisagem.

A questão do abastecimento impôs-se, desde o início, com um grave problema, de cuja solução dependia a empresa de colonização da zona mineradora. Conjeturava-se sobre os melhores meios para se atender ao crescente mercado consumidor, sobretudo o comércio de gado bovino, considerado essencial. As primeiras referências a uma grande crise de fome remontam ao ano de 1698, quando o governador Artur de Sá e Meneses

¹ Professora Associada do Departamento de História da UFMG.

escreve ao rei para informá-lo que os mineiros haviam deixado de minerar “*pela grande fome que experimentam e que chegou a necessidade a tal extremo que se aproveitaram dos mais imundos animais, e faltando-lhes estes para poderem alimentar a vida, largaram as minas, e fugiram para os matos com os seus escravos a sustentarem-se com as frutas agrestes que neles acharam*”. A fuga maciça da população em direção aos matos, em busca de algum remédio, teve um resultado surpreendente: em pouco tempo, a flora e fauna local foram completamente dizimadas, a ponto de um contemporâneo observar que “*os campos e montanhas já estéreis de caças e víveres silvestres, que o muito povo que por todas as partes penetrava tinha destruído e consumido.*”² Em novembro de 1700, Artur de Sá e Meneses voltava à carga, em carta ao vice-rei D. João de Lencastro,

*[...] o sobredito Ribeirão tem bastante riqueza; porém falo pobre a falta de mantimentos, porque está custando um alqueire de milho a quinze e dezesseis oitavas de ouro, e o de feijão a trinta, e a carne de vaca a quatro e a seis arratéis por oitava, e os mais gêneros a este respeito, causa por que se retirarão muitos Mineiros para a montaria para haverem de sustentar a sua gente, e outros para suas casas, deixando plantados para voltarem em Março, e entendo que haverá muitas lavras para o ano pelos muitos mantimentos que se esperam, e juntamente pelo gado que se tem mandado buscar aos currais da Bahia e Pernambuco, o que serve de grande adjutório para se poderem lavar as Minas...*³

Os relatos produzidos à época evidenciam claramente um padrão recorrente nas situações de extrema penúria, que consistia em retirar-se para a montaria, isto é, para a caça, ou simplesmente fugir para as vilas mais próximas, deixando semeadas as roças de mantimentos para o final da estação das águas⁴ – as táticas paulistas mais costumeiras contra a fome,

² Notícias dos primeiros descobridores das primeiras minas do ouro pertencentes a estas Minas Gerais, pessoas mais assinaladas nestes empregos e dos mais memoráveis casos acontecidos desde os seus princípios. Códice Costa Matoso, p. 173 e ss.

³ Cópia da carta que Artur de Sá e Meneses, governador do Rio de Janeiro, escrevo ao sr. Dom João de Lencastro, governador e capitão-geral deste Estado do Brasil. Rio das Velhas, 30 nov. 1700. Arquivos Casa Cadaval, códice 1087, fl. 481-481v. In ANTONIL, p. 548-549.

⁴ Cópia da carta que Artur de Sá e Meneses, governador do Rio de Janeiro, escrevo ao sr. Dom João de Lencastro, governador e capitão-geral deste Estado do Brasil. Rio das Velhas, 30 nov. 1700. Arquivos Casa Cadaval, códice 1087, fl. 481-481v. In ANTONIL, p. 548-549.

depois assimiladas pelos forasteiros. Fugir para os matos constituía uma curiosa estratégia paulista, empregada em situações de perigo. Em 1659, quando o ouvidor-geral Pedro de Mustre Portugal chegou à vila de São Paulo, por ocasião da guerra entre os Pires e os Camargos, surpreendeu-se ao encontrar a vila deserta, abandonada pelos moradores, que haviam se metido nos matos, “fazendo novas povoações e domicílios, vivendo sem sossego, mui diminutos em seus cabedais e lavouras.”⁵

Mesmo nas Minas, por ocasião das grandes fomes entre os anos de 1698 e 1699 e os de 1700 e 1701, os paulistas lançaram mão do mesmo estratagema, metendo-se nos matos, em busca de víveres silvestres. E, de fato, quando Antônio de Albuquerque chegou às Minas, em agosto de 1710, ele encontrou “os paulistas embrenhados pelos matos, sem os escravos que lhes fugiram.”⁶ Para eles, os matos significavam sobretudo refúgio e abrigo – e não deixa de ser significativo o fato de o Borba Gato ter se retirado aos sertões do Rio das Velhas, permanecendo ali por mais de vinte anos, depois de ter sido envolvido no assassinato de D. Rodrigo Castelo Branco.⁷

Aos sertanistas, os matos ofereciam todo o remédio necessário à sobrevivência. Nos testamentos do século XVII, a alusão ao sertão aparece associada à idéia de remédio: Lucas Ortiz de Camargo, por exemplo, declarou “se lhe oferecia ir buscar remédio no sertão que é o trato ordinário desta terra.”⁸ Ainda que estivesse se referindo diretamente ao índio, cujo apresamento constituía o alvo preferencial das expedições, a passagem põe em evidência uma concepção muito particular dos lugares inóspitos e distantes, que contrastava com o tom dominante na documentação da época.

⁵ TAUNAY, Afonso de E. *História das bandeiras paulistas*. Tomo I, São Paulo/Brasília. Melhoramentos, INL, 1975. p. 93.

⁶ Carta de Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, governador das Minas Gerais, para D. João V, lembrando que se devem arrematar as rendas do governo e as dos dízimos dos frutos da terra. Minas Gerais, 7 ago. 1711. AHU. Minas Gerais. Caixa 1, doc. 28.

⁷ Notícias dos primeiros descobridores das primeiras minas do ouro pertencentes a estas Minas Gerais, pessoas mais assinaladas nestes empregos e dos mais memoráveis casos acontecidos desde os seus princípios. Códice Costa Matoso. CÓDICE COSTA MATOSO. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1999. Coordenação-geral de Luciano Raposo de Almeida Figueredo e Maria Verônica Campos, p. 189.

⁸ MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 85.

A caça, por exemplo, era um velho costume disseminado entre os sertanistas, que dela se serviam em suas longas expedições aos sertões, em busca de índios ou metais preciosos. Profundos conhecedores das sofisticadas técnicas de sobrevivência nos matos, assimiladas aos índios, eles conseguiam se manter por longos períodos apenas com os mantimentos oferecidos pelo sertão, caçando animais como antas, veados, macacos, quatis, onças, capivaras, cervos, e aves como jacus, gaviões e pombas. Valiam-se também de cobras, lagartos, formigas, e no dizer de uma testemunha de “*uns sapinhos que dão pelas árvores.*”⁹ Apreciavam particularmente o bicho de taquara, mel de abelha, cocos, palmitos, grelos de samambaia, carás do mato, raízes de pau. Além disso, pescavam com linhas e anzóis, cozinhando os peixes em taquaras.

As mais belas páginas sobre a peculiar cultura dos sertanistas foram escritas por Sérgio Buarque de Holanda, que identificou nela o princípio da fronteira, entendida como “*fronteira entre paisagens, populações, hábitos, instituições, técnicas, até idiomas heterogêneos que aqui se defrontavam, ora a esbater-se para deixar lugar à formação de produtos mistos ou simbióticos, ora a afirmar-se ao menos enquanto não a superasse a vitória final dos elementos que se tivessem revelado mais ativos, mais robustos ou melhor equipados.*”¹⁰ Em fins do século XVII, os paulistas haviam acumulado um sólido e inigualável repertório de saberes sobre a natureza, que os capacitava a extrair dela todo o necessário à vida, desde a subsistência até a farmacopéia. Em suas correrias pelos sertões, haviam aprendido a despender uma grande parte do tempo ao que chamavam de “*empregos necessários (...) para o alimento e conservação da vida.*”¹¹ Antonil também observou que, em vez de caminhar de sol a sol, os paulistas o faziam até ao meio dia, quando então se arranchavam “*como para terem tempo de descansar e buscar alguma caça ou peixe aonde o há, mel de pau e outro qualquer mantimento.*”¹² Disso fazia parte o plantio de

⁹ Notícias do que ouvi sobre o princípio destas Minas. Códice Costa Matoso, p. 218.

¹⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. Rio de Janeiro: José Olympio, p. VI.

¹¹ Notícias dos primeiros descobridores das primeiras minas do ouro pertencentes a estas Minas Gerais, pessoas mais assinaladas nestes empregos e dos mais memoráveis casos acontecidos desde os seus princípios. Códice Costa Matoso. Códice Costa Matoso, p. 171.

¹² ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*. Texte de l'édition de 1711, traduction française et commentaire critique par Andrée Mansuy. Paris: Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine, 1968, p. 418.

roças de milho, mandioca e feijão, e a criação de aves e animais ao longo dos caminhos, o que era feito por uma parte da tropa, encarregada de seguir à frente da expedição, garantindo assim a subsistência de todos. A estratégia providente dos sertanistas foi, ainda no século XVII, incorporada ao arsenal dos saberes e práticas das expedições oficiais, pois no Regimento dado a D. Rodrigo de Castelo Branco, em 1679, consta, em seu capítulo primeiro, a seguinte recomendação: “*toda a pessoa de qualquer qualidade que seja, que for ao sertão a descobrimentos, será obrigada a levar milho, e feijão, e mandioca, para poder fazer plantas e deixa-las plantadas, porque com esta diligência se poderá penetrar os sertões, que sem isso é impossível.*”¹³ Tal costume implicava cálculos sofisticados quanto à época mais indicada para o plantio e quanto aos locais em que as roças deveriam ser plantadas - afinal, um erro dessa natureza podia comprometer o sucesso de toda uma expedição, jogando por terra o alto investimento feito nela.

Grande parte da imagem de exímios sertanistas, projetada sobre os paulistas, devia-se ao arsenal de técnicas destinadas à sobrevivência nos matos, das quais fazia parte o plantio antecipado de cereais. Nos escritos de orientação pró-paulistas, os sertanistas são apresentados como homens dotados de excepcional bravura e coragem, capazes de suportar os mais terríveis trabalhos e as fadigas, sem jamais se abaterem, mesmo sob a ação da fome. Para o frei Gaspar da Madre de Deus, nem portugueses, nem os “*brasileiros naturais de outras capitanias*” exibiam a mesma habilidade, pois que quando os acompanhavam em suas viagens aos sertões, freqüentemente desistiam, retrocedendo “*por se não atreverem a suportar as fomes e os incômodos que neles sofriam.*”¹⁴

As fontes mostram que, uma vez instalados nas Minas, os paulistas reeditaram o velho costume de cultivar roças destinadas à subsistência, mantendo plantações e criações junto às lavras e datas. Um pouco diferente, contudo, era a situação daqueles que, provenientes da Europa e mesmo da América Portuguesa, não estavam suficientemente familiarizados com

¹³ Informação sobre as minas de São Paulo e dos sertões da capitania desde o ano de 1597 até o presente. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 64, volume 103, 1901, p. 53.

¹⁴ MADRE DE DEUS, Frei Gaspar da. *Memórias para a história da capitania de São Vicente*. Prefácio de Mário G. Ferri. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1975, p. 135.

as técnicas de sobrevivência nos matos. As dificuldades começavam pelo caminho: sem poder contar com os recursos naturais, ficavam à mercê das provisões que levavam e dos mantimentos vendidos à beira das estradas - segundo Ambroise Jauffret, os que partiam do Rio de Janeiro, por exemplo, seguiam até Taubaté, onde compravam milho, abóbora e feijão para serem consumidos ao longo de uma jornada de vinte dias, ao fim da qual chegavam ao Rio das Mortes, onde novamente se abasteciam para alcançar as minas do Ribeirão do Carmo.¹⁵

Assim que chegavam as Minas, todos tratavam primeiro de plantar suas roças nas imediações das datas minerais, instalando-se depois nos arraiais e povoados, para esperar até que os mantimentos pudessem ser colhidos.¹⁶ Só então é que tinham início os trabalhos de mineração. Por sorte, os ritmos da agricultura ajustavam-se perfeitamente aos ritmos da mineração: na estação das águas, entre novembro e fevereiro, era praticamente impossível lavrar os rios e ribeirões, em razão do grande volume de água; mas era a época propícia para o plantio do milho, mandioca e feijão. Nos relatos, percebe-se a existência de um padrão bem definido: em novembro, antes de partir, procedia-se à semeadura; regressava-se em fevereiro, quando se iniciavam a colheita e os trabalhos de mineração. Entre o plantio do milho e a colheita, eram necessários mais ou menos noventa dias. No caso do feijão, o ciclo girava em torno de sessenta dias. Mais longo, o ciclo da mandioca tinha doze meses.

Apropriadamente, Sérgio Buarque de Holanda dá o nome de “civilização do milho” à cultura dos paulistas, chamando a atenção para o papel decisivo que o cereal desempenhou nas formas de subsistência da gente do Planalto.¹⁷ Nos sertões mineiros, o milho consumido prescindia da moagem, que era uma técnica desconhecida pelos índios, que preferiam o milho verde cozido ou a pipoca. Aliás, aos paulistas é atribuída uma preferência especial pela pipoca, conhecida à época como “milho escolhido da brasa.” Nada se comparava, porém, ao consumo maciço do milho amadurecido, empregado para a

¹⁵ MANSUY, A. *Memóire inédit d' Ambroise Jauffret sur le Brésil à l'époque de la découverte des mines d' or [1704]. Actas do V Colóquio Internacional de Estudos Luso-brasileiros*, Coimbra, 1965, p. 35.

¹⁶ Notícias dos primeiros descobridores das primeiras minas do ouro pertencentes a estas Minas Gerais, pessoas mais assinaladas nestes empregos e dos mais memoráveis casos acontecidos desde os seus princípios. *Códice Costa Matoso*, p. 180.

¹⁷ HOLANDA, *Caminhos e fronteiras*, p. 215.

fabricação da farinha – o verdadeiro pão da terra, nas palavras de Holanda - , e a canjica grossa, descrita pelo biógrafo de Belchior de Pontes como um “guisado especial de São Paulo.” Talvez a principal razão pela preferência dada ao milho esteja na facilidade com que podia ser transportado por longas distâncias, sob a forma de grão, para ser depois semeado, ajustando-se, por isso mesmo, às exigências de mobilidade característica dos sertanistas.¹⁸

A dieta mameluca dos paulistas, herdeira de quase dois séculos de convivência com o universo cultural dos índios, deve ter chocado os contemporâneos, sobretudo os europeus, pouco familiarizados com os recursos naturais da paisagem americana. De acordo com o estudos de Donald Ramos, grande parte dos portugueses que se deslocaram para Minas Gerais, nas primeiras décadas do século XVII, provinha do Norte de Portugal, premidos pela falta de terras, agravada com altas taxas de fecundidade.¹⁹ Familiarizados com a agricultura do milho, cuja introdução fora responsável pela explosão demográfica do século anterior, os portugueses do Norte dominavam suas técnicas de plantio, mas certamente desconheciam as técnicas de sobrevivência nos matos. A caça - essencial à sobrevivência nestes primeiros tempos – certamente pertencia ao repertório cultural dos camponeses pobres, mas a realidade geográfica e ecológica em que a praticavam era, em tudo, diversa da que se confrontavam nas Minas. Infelizmente, as fontes não permitem avançar a análise em direção aos complexos processos de circulação e mestiçagem cultural impostos pelo novo meio, e nos quais as experiências radicalmente diferentes de povos africanos, europeus e indígenas confluíram para a constituição de um aprendizado de sobrevivência adaptado à ambiente do sertão. No caso dos paulistas, por exemplo, o exercício da caça havia assimilado por completo o arsenal bélico dos índios, e o arco e a flecha figuram, às centenas, nos inventários e testamentos estudados por Alcântara Machado.²⁰

Além das roças de subsistência, os mineradores contavam com os frutos

¹⁸ HOLANDA, *Caminhos e fronteiras*, p. 217.

¹⁹ RAMOS, Donald. From Minho to Minas: the Portuguese roots of the Mineiro family. In *Hispanic American Historical Review*, Duke University, 73:4, ano de 1993.

²⁰ MACHADO, José de Alcântara. *Vida e morte do bandeirante*; introdução de Sérgio Milliet. São Paulo: Martins; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972.

silvestres e os animais caçados nos matos, sem falar das variadas mercadorias que abasteciam o mercado local, trazidas pelos pequenos e grandes comerciantes que infestavam a região. Da dieta dos mineradores, a carne bovina ocupava um lugar central: tida por gênero de primeira necessidade, equivalendo ao pão das populações camponesas da Europa moderna, o seu comércio cresceu num ritmo vertiginoso, conectando os sertões mineiros aos currais do São Francisco, Bahia, Pernambuco e Curitiba. Em 1707, o alto preço da carne desencadearia um levante armado contra os responsáveis pelo contrato dos açougues, que foram obrigados a abandonar o lucrativo negócio. Entretanto, em fins do século XVII, as redes comerciais mal davam para abastecer a população da zona mineradora, que dependia quase que exclusivamente da agricultura de subsistência.

Bem frágil era o equilíbrio entre as roças de mantimentos e as necessidades da população. Uma estiagem inesperada ou chuvas prolongadas podiam significar a fome de milhares, como aconteceu em 1705, quando os relatos descrevem uma estação chuvosa que se estendera por mais de oito meses, fazendo os mantimentos apodrecer na terra.²¹

Mais decisivo para o colapso da agricultura de subsistência foi, sem dúvida, o grande afluxo populacional, desencadeado pela corrida do ouro. Fenômeno pouco estudado, o que se verificou nas Minas entre os fins do século XVII e início do XVIII configurou o maior deslocamento demográfico ocorrido em toda a América Portuguesa no período colonial. Não há nada que se lhe compare. Em dez anos, foram cinquenta mil entrantes - um número considerável até mesmo para os padrões do século XXI. O impacto mais evidente dessa corrida do ouro foram os surtos de fome, produzidos pela desestruturação das formas de subsistência dos descobridores. A descrição mais completa do fenômeno é de autoria de Baltazar de Godói Moreira, paulista radicado na região: “*os primeiros sertanistas se sustentaram só com o milho e feijão que o sítio produzia, havia muita quantidade de mel de abelhas, e caça, e frutas agrestes, que ajudavam a sustentar o seu gentio; mas como a gente fosse crescendo, diminuiu-se tudo, e está exausto o sertão em forma*

²¹ Carta de Baltazar de Godoi Moreira a D. Pedro II. Minas Gerais, 31 de julho de 1705. Apud ANTONIL, p. 572.

que não poderão viver com esta falta...”²²

Diante da fome aguda, muitos se retiraram para os matos, em busca de algum alimento. Os arraiais e datas minerais se despovoaram por completo, jazendo abandonados à cobiça de novos aventureiros. Lançando-se aos matos e campos gerais, à procura de “*lugares mais desertos, menos combatidos e mais férteis de víveres silvestres*”, esses refugiados ficavam à espera dos mantimentos plantados na estação anterior, contando que as roças pudessem fornecer algum remédio para a penúria.²³ Em pouco tempo, porém, os víveres silvestres se esgotaram, e nada havia para caçar ou coletar. A tal ponto havia chegado a escassez de víveres que, no ano de 1700, os matos ficaram silenciosos: não se ouvia sequer o pio dos pássaros. Para a grande maioria, o recurso aos mantimentos do sertão implicava uma experiência radicalmente nova: tinham diante de si espécimes animais e vegetais desconhecidos, que envolviam sofisticadas técnicas de preparo igualmente desconhecidas. Era o caso do bicho da taquara, que devia ser lançado num tacho bem quente, e ingerido ainda vivo - caso contrário, era venenoso. As fontes aludem à grande mortandade de tapanhunos e carijós, vitimados pela consumo inadequado destes bichos.²⁴

As condições ecológicas da região proporcionavam uma grande variedade de víveres, pois que a maior parte das áreas povoadas estava coberta pela Mata Atlântica, com a ocorrência do cerrado na porção central, oeste e noroeste, além dos campos gerais ou campos limpos – terrenos baixos e uniformes, desprovidos de árvores, que aparecem na documentação como o sítio preferido para a prática da caça.

Nem todos se atreveram, porém, a buscar sustento nos matos. Muitos preferiram, ao contrário, retornar às localidades de origem para ali esperar o florescimento das roças. Esse foi o caso dos paulistas. De acordo com os relatos, eles se punham numa jornada de trinta a quarenta dias sem carregar

²² Carta de Baltasar... , p. 572.

²³ Notícias dos primeiros descobridores das primeiras minas do ouro pertencentes a estas Minas Gerais, pessoas mais assinaladas nestes empregos e dos mais memoráveis casos acontecidos desde os seus princípios. Códice Costa Matoso, 175.

²⁴ Notícias dos descobrimentos das minas de ouro e dos governos políticos nela havidos. Códice Costa Matoso, p. 245.

qualquer alimento, alimentando-se apenas com o que podiam colher e coletar ao longo do caminho.²⁵ Certamente contavam com as roças plantadas durante a jornada para as Minas, confiando assim na tradicional estratégia dos sertanistas.

Se, para os paulistas, a experiência era familiar, o mesmo não acontecia com a grande maioria, acostumada a levar as provisões ou adquirir os víveres nas roças à beira dos caminhos, quando os havia. Por esta época, porém, a situação era muito diferente daquela descrita por Antonil, em que os mantimentos se ofereciam, em profusão, aos viandantes famintos. E, não por acaso, os caminhos se tornaram o cenário de maior perigo e esterilidade. Muitos foram os que morreram, deixando as estradas salpicadas pelos cadáveres insepultos, ao passo que outros tinham de enfrentar a violência dos companheiros, que não hesitavam em tomar-lhes os poucos grãos que carregavam consigo. De acordo com uma testemunha, nos caminhos estéreis, *“morreu muita gente naquele tempo: de doenças e à necessidade, e outros que matavam para os roubar na volta, que levavam o ouro, e ainda os camaradas que iam junto fazer seu negócio ou de retirada com algum ouro matavam uns aos outros pela ambição de ficarem com ele...”*²⁶ Antonil empresta um tom particularmente trágico e ao mesmo tempo moralizante à sua narrativa sobre a esterilidade dos caminhos por aquela época: *“não se pode crer o que padeceram ao princípio os mineiros por falta de mantimentos, achando-se não poucos mortos com uma espiga de milho na mão, sem terem outro sustento.”*²⁷ De acordo com um relato, os mineradores *“partiam sem provimento algum, e muitos acabaram de fome, sem remédios, e houve tal que matou ao seu companheiro por lhe tomar com a sua tenaz de pau uma pipoca de milho que do seu borrvalho saltou para o do outro, dos poucos grãos que cada um tinha para alimentar a vida naquele dia, aprovando-se, por este caso, com realidade, o provérbio comum de que a fome não tem lei.”*²⁸ Se narrativas

²⁵ Notícias dos primeiros descobridores das primeiras minas do ouro pertencentes a estas Minas Gerais, pessoas mais assinaladas nestes empregos e dos mais memoráveis casos acontecidos desde os seus princípios. Códice Costa Matoso, p. 175.

²⁶ Relação do princípio descoberto destas Minas Gerais e os sucessos de algumas coisas mais memoráveis. Códice Costa Matos, p. 196.

²⁷ ANTONIL, p. 380.

²⁸ Notícias dos primeiros descobridores das primeiras minas do ouro pertencentes a estas Minas Gerais, pessoas mais assinaladas nestes empregos e dos mais memoráveis casos acontecidos desde os seus

deste gênero – tão comuns nos primeiros anos do século XVIII — parecem encaixar-se bem na tópica dos males da cobiça, não é menos verdade que a documentação da época é unânime em apontar o caráter trágico destes primeiros anos, quando a fome assolava toda a região.²⁹

Descritos freqüentemente como “agros e faltos de mantimentos”, os caminhos não podiam oferecer, ao menos nestes primeiros tempos, a comodidade das roças e estalagens, tendo os viandantes de se haver com o pouco que podiam carregar, arriscando-se à violência dos bandos de homens famintos.³⁰ É curioso notar como a percepção da fome, neste caso, dependia do conhecimento das técnicas de sobrevivência nos matos. Aos paulistas, os caminhos afiguravam-se antes como paisagens pródigas em víveres, à espera de serem apenas apanhados.

As notícias sobre os surtos de fome rapidamente se espalharam pelos dois lados do Atlântico, jogando uma sombra trágica sobre os relatos de Eldorados reluzentes. A euforia deu lugar então ao medo e muitos foram os que, temendo a morte, abandonaram o sonho da riqueza fácil – o que reduziu o rush em direção aos sertões mineiros. A partir de 1702, em resposta aos esforços do governador Artur de Sá e Meneses, o abastecimento da região se estabilizaria e os surtos de fome se tornariam cada vez mais raros.

Certamente, junto com a fome vinha também um cortejo de males, como a violência e as doenças. Não se conhece ainda a ocorrência de surtos de epidemia naqueles anos. Mas uma pista interessante é dada pelo mapa do padre Cocleo, de 1700: na região assinalada como Rio das Velhas, há uma anotação – “*aqui há muito ouro, mas houve muita peste.*”³¹ Os relatos paulistas aludem, aqui e ali, às doenças, mas nunca oferecem detalhes.

É curioso perscrutar o significado mais profundo que os contemporâneos emprestaram às sucessivas ondas de fome, engastando-o nas representações

princípios, p. 174.

²⁹ ANDRADE, Francisco Eduardo. *A invenção das Minas Gerais: empresas, descobrimentos e entradas nos sertões do ouro (1680-1822)*. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História da Universidade de São Paulo, p. 195-196.

³⁰ Notícias do descobrimento das minas de ouro e dos governos políticos nelas havidos. Códice Costa Matoso, p. 245.

³¹ COSTA, Antonio Gilberto. *Cartografia da conquista do território das Minas*. Belo Horizonte/Lisboa: UFMG, Kapa, 2004, p. 139.

desse novo mundo natural que eram os sertões. Ou seja, em que medida as fomes influenciaram fortemente os modos de ver a nova paisagem, estabelecendo afinidades com o vasto e tradicional acervo de representações geográficas? Foram as tópicas relativas ao deserto – sobretudo o deserto do Antigo Testamento – que melhor se prestaram à identificação da natureza dos sertões: a célebre passagem em que Antonil compara as freguesias móveis das Minas com os filhos de Israel no deserto é reveladora.³² Como o deserto, transformado em floresta no imaginário medieval, a natureza mineira se apresentava como cenário de aflições e provações, o palco de uma experiência marcada pela fome e pelo sofrimento. Daí a ênfase recorrente na esterilidade da terra: segundo Antonil, “*sendo a terra que dá ouro esterilíssima de tudo o que se há mister para a vida humana, e não menos estéril a maior parte dos caminhos das minas, não se pode crer o que padeceram ao princípio os mineiros por falta de mantimentos.*”³³

À tópica do deserto confluíram também as representações de raiz clássica sobre a natureza das regiões ricas em metais preciosos, caracterizadas por uma geografia trágica, sulcada por montes elevados, serras penhascosas e íngremes, rodeada por florestas densas e escuras. Mais tarde, a imagem seria retomada na poesia de Cláudio Manuel da Costa. A descrição geográfica das terras auríferas, com seu caráter vertiginoso e claustrofóbico, ligava-se ao princípio de detração do ouro, considerado origem de todos os males. Os discursos morais da época barroca põem em relevo o fato de que os metais preciosos, escondidos nas entranhas da terra, foram postos por Deus longe da vista humana, para que ali permanecessem. Como verdadeira caixa de Pandora, desencadeavam uma corte de pecados e vícios, arrastando num turbilhão vertiginoso os que, tentados pela cobiça, iam chafurdar nas minas e lavras.³⁴

Sob o brilho e esplendor do ouro, escondia-se o castigo terrível de aflições,

³² ANTONIL, p. 370.

³³ ANTONIL, p. 378.

³⁴ O melhor estudo sobre o imaginário negativo do ouro, ao longo da Época Moderna, é de autoria de Francisco E. Andrade. *A invenção das Minas Gerais: empresas, descobrimentos e entradas nos sertões do ouro (1680-1822)*. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História da Universidade de São Paulo, 2002, especialmente o capítulo *Escondidos de Deus: as Minas como castigo do Brasil*, p. 108-139.

misérias e trabalhos infundados. Ora, não escreveu Vieira que os metais preciosos “são castigos escondidos debaixo de aparências contrárias?”³⁵ Não se admirava Antonil, fiel à tradição moral barroca: “que maravilha, pois, que sendo o ouro tão formoso e tão precioso metal, tão útil para o comércio humano e tão digno de se empregar nos vasos e ornamentos dos templos para o culto divino, seja pela insaciável cobiça dos homens contínuo instrumento e causa de muitos danos?”³⁶

Pesava sobre o ouro o silêncio inquietante do Gênesis, que ao descrever a criação do universo, aludindo às plantas e animais, passava ao largo dos metais. Para muitos, como Vieira, o silêncio tinha um significado mais profundo, posto que, ao contrário das plantas e animais, que serviam ao sustento e conservação dos homens, as riquezas minerais eram supérfluas e prejudiciais a eles. “Por isso assim como as tinha sepultado e escondido debaixo da terra, assim lhe escondeu e encobriu também a notícia delas, passando totalmente em silêncio, e não fazendo menção de tal cousa.”³⁷ Escavar o ouro, buscando-os nas entranhas da terra, consistia, pois, um atentado à ordem natural do mundo. Como bem observou Francisco E. Andrade, “os colonos empenhados em descobrir as minas de ouro e de prata não só pecam (atentando contra a lei da natureza e a lei divina), mas praticam potencialmente um crime (um atentado moral), já que a lei humana positiva que governa o Estado deve imperativamente seguir a justiça da lei natural e da vontade de Deus, com a qual esta justiça natural vem incorporada.”³⁸

Anos mais tarde, o conde de Assumar retomaria essa tradição, que conheceria duradoura fortuna nos escritos sobre a capitania de Minas Gerais, associando as minas de ouro a sítios infernais, nos quais a cobiça dá lugar aos vícios da rebelião e da subversão política, responsáveis pela natureza indômita dos vassallos mineiros. Segundo ele,

necessariamente hemos de confessar que os motins são naturais das Minas, e que é propriedade e virtude do ouro tornar inquietos

³⁵ Sermão da Primeira Oitava de Páscoa, VIEIRA, Padre Antônio. *Sermões*. Porto: Lello e irmão Editores, 1959, t. 5, p. 229.

³⁶ ANTONIL, p. 462.

³⁷ ANDRADE, p. 120.

³⁸ ANDRADE, p. 122.

*e buliçosos os ânimos dos que habitam as terras onde ele se cria. Pelo menos, eu acho que, depois que se principiou a tirar ouro, se viram as primeiras dúvidas e contendas no mundo: retirou-se a justiça para o céu, e produziu a terra gigantes e poderosos, que, atrevidos, rebeldes e insolentes, intentaram levantar-se contra o seu soberano. E bem que nesta forma tenha a maior parte dos mineiros alguma desculpa em freqüentar os motins, a que interiormente os inclina a força e arrasta a natureza, que podendo os não castiga, nenhuma desculpa têm.*³⁹

Em vez da recompensa aos trabalhos infintos dos descobridores, a descoberta de metais constituía, na visão dos moralistas, o castigo com que Deus punia os pecados da cobiça, lançando sobre as regiões auríferas o aguilhão terrível da fome e da violência. Para alguns, como o biógrafo Manuel da Fonseca, o levante emboaba era o açoute com que Deus castigava os pecadores da região mineradora.⁴⁰

Situados na confluência dos discursos morais barrocos, da tradição clássica de condenação do ouro e das tópicas do deserto bíblico, os sertões emergiam como o espaço geográfico e simbólico do castigo. Da perspectiva dos moralistas, as fomes expunham pois a natureza pecadora do homem, arrastado pela ganância a transgredir as leis de Deus, constituindo nos sertões uma anti-natureza.⁴¹

Todas essas formulações influenciaram decisivamente a avaliação da Coroa portuguesa sobre a relevância dos achados auríferos nos sertões mineiros. O debate político que se travou nos primeiros anos do século XVIII e que opôs, de um lado, os defensores da agricultura, e de outro, os defensores da mineração, foi permeado pelas representações sobre a natureza particular das regiões ricas em metais preciosos. Deste debate, derivou posições diametralmente opostas quanto à política a ser implementada pela Coroa nas regiões recentemente descobertas. Os defensores da agricultura argumentavam que as verdadeiras riquezas da América – as duas colunas sobre as quais o Reino se apoiava –

³⁹ Discurso histórico e político sobre a sublevação que nas Minas houve no ano de 1720. Estudo crítico, estabelecimento do texto e notas: Laura de Mello e Souza. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1994. p. 60.

⁴⁰ FONSECA, Pe. Manoel da. *Vida do venerável padre Belchior de Pontes, da Companhia de Jesus da Província do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, s/d. , p. 204.

⁴¹ ANDRADE, p. 124.

eram as lavouras do açúcar e do tabaco, que seriam fortemente ameaçadas pelo deslocamento em larga escala dos escravos para as minas de ouro. Com efeito, em pouco tempo, as multidões que buscariam o ouro nos sertões deixariam para trás um rastro de abandono, com engenhos desmantelados, lavouras perdidas e fábricas desamparadas.⁴²

Assim, naquele momento, não interessava a Portugal nem o efêmero ouro de aluvião nem tampouco as promessas duradouras do ouro de beta. Parecia então prevalecer a opinião, defendida havia anos pelo procurador da Coroa, de que as minas de ouro deveriam permanecer intactas, como uma lebre em seu covil, em razão da impossibilidade econômica de Portugal colonizar uma área localizada em meio aos sertões distantes. Nas palavras do procurador:

*é sem dúvida que tendo nós somente povoado no Brasil muita parte da marinha, e quase nenhuma do sertão, fazer este comunicável, desentranhar os céus da terra, erigir fábricas, criar oficiais para a arrecadação, manter milícias para a defesa, depende de gravíssimos cabedais, e faltando-nos estes para seguir uma lebre que já está na carreira, seria imprudente temeridade levantar outra, que no covil dorme e se acha sem poder fugir; e assim me parece que a este descobrimento de Minas falta primitivamente a certeza, e dado que a houvesse, a oportunidade.*⁴³

A condenação da lavoura do ouro rapidamente se espalhou pelos escritos das autoridades coloniais, mesclando argumentos de natureza moral – como

⁴² Estas considerações foram extraídas de fontes diversas, entre as quais a Cópia do papel que o sr. D. João de Lencastro fez sobre a arrecadação dos quintos do ouro das minas que se descobriram neste Brasil, na era de 1701. Bahia, 12 jan. 1701. Arquivos Casa Cadaval, códice 1087, fl. 488-490. In ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*. Texte de l'édition de 1711, traduction française et commentaire critique par Andrée Mansuy. Paris: Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine, 1968, p. 586-591; AHU, Rio de Janeiro, cx. 5, doc. 557: Parecer do procurador da Fazenda Real do Conselho Ultramarino sobre os inconvenientes da exploração das minas do Brasil e mostrando os benefícios que resultariam do maior desenvolvimento da agricultura e povoamento das regiões. Lisboa, 12 dez. 1692; AHU, Rio de Janeiro, códice 232, fl. .257v e ss: "Sobre os papéis que se ofereceram de arbítrios acerca das minas para com eles se segurarem os interesses da Fazenda Real e se pôr em melhor forma, o governo daquelas terras". Sobre os impasses da Coroa em relação à descoberta do ouro, ver também RUSSELL-WOOD, El Brasil colonial: el ciclo del oro, c. 1690-1750. BETHELL, Leslie (ed.) *Historia de América Latina*. 3. América Latina colonial: economía. Barcelona: Editorial Crítica, 1990, p.260-305.

⁴³ AHU, Rio de Janeiro, caixa 5 doc. 557. Parecer do procurador da Fazenda Real do Conselho Ultramarino sobre os inconvenientes da exploração das minas do Brasil e mostrando os benefícios que resultariam do maior desenvolvimento da agricultura e povoamento das regiões. Lisboa, 12 dez. 1692.

os de Vieira e Antonil – com outros de natureza econômica. Por todos os lados, ganhava corpo a imagem da “ruína total do Estado do Brasil”, tal como a formulou D. Rodrigo da Costa, governador-geral entre 1703 e 1705, em razão do grande deslocamento de escravos negros para os distritos mineradores, cuja consequência mais grave era o abandono das plantações de cana de açúcar e tabaco, desencadeando análises pessimistas quanto à situação econômica da América e de Portugal.⁴⁴

O certo é que se as fomes articulavam-se com as tópicas relativas ao deserto, constituindo os sertões como lugar de castigo, na versão paulista, interessada em conferir um caráter heróico à empresa de descobrimentos, elas assumiam um outro significado. No relato de Bento Fernandes Furtado, a saga dos paulistas é assim descrita:

*deixando a divina providência ao desvelo daqueles animosos vassallos da Coroa Portuguesa, que pretendia enriquecer com os haveres ocultos por aquelas largas e aspérrimas montanhas, que a poder de perigos, fomes, sedes e trabalhos romperam aqueles fragosos montes e incultas brenhas, não só para utilidade deles como também para o grande aumento da monarquia portuguesa, foi servido guiá-los e deparar-lhes os haveres que se encobriam em tão dilatado mapa...*⁴⁵

As fomes, ao lado dos trabalhos que o devassamento dos sertões implicou, evocavam-se, nesta perspectiva, a bravura e o heroísmo de homens movidos pela vontade de enriquecer a Coroa Portuguesa. Em vez de castigos, a crônica terrível dos infortúnios vividos nos matos, em meio à natureza áspera e selvagem, seria incorporada ao rol dos serviços prestados pelos primeiros descobridores. Como as provações bíblicas, a superação das fomes nada mais fazia do que revelar quem eram os verdadeiros escolhidos de Deus para a imensa tarefa de desbravar e povoar os sertões. A eles, ao final, estava reservado o prêmio maior: o rico ouro das Minas Gerais.

⁴⁴ Carta de D. Rodrigo da Costa ao rei. Bahia, 27 mai. 1704. DOCUMENTOS HISTÓRICOS, v. 11, p. 358. Vale lembrar que D. Rodrigo da Costa, governador-geral entre 1703 a 1705, teve como centro de suas preocupações a questão do dismantelamento da agricultura da cana de açúcar, tabaco e mandioca, em razão do êxodo de escravos negros para as minas.

⁴⁵ Notícias dos primeiros descobridores das primeiras minas do ouro pertencentes a estas Minas Gerais, pessoas mais assinaladas nestes empregos e dos mais memoráveis casos acontecidos desde os seus princípios. Códice Costa Matoso, p. 172..

RESUMO

Este artigo examina um tema praticamente inexplorado pela historiografia: as grandes fomes que varreram os sertões das Minas Gerais, entre os últimos anos do século XVII. A corrida do ouro deslocou para a região mineradora uma contingente populacional estimado em torno de 30 mil pessoas, provenientes de todas as partes da América Portuguesa. O impacto demográfico, aliado à precariedade das formas de existência num cenário dominado pela natureza, impôs aos aventureiros uma experiência trágica: a extrema penúria ceifou a vida de muitos, obrigando outros a fugir em direção às vilas mais próximas. A maioria, porém, lançou mão de técnicas de sobrevivência improvisadas: o recurso à caça de animais silvestres, praticado em larga escala, acarretou, em pouquíssimo tempo, o extermínio da fauna local. O objetivo é refletir sobre as articulações entre o imaginário do sertão, a apropriação da natureza pelos povoadores e a política da Coroa em relação ao abastecimento, privilegiando como eixo da análise as relações entre homem e o mundo natural, com o objetivo de delimitar um campo de pesquisa para a história ambiental dos primórdios das Minas.

Palavras-Chave: Sertão de Minas Gerais, Ouro, Impacto demográfico.

ABSTRACT

This article focuses on a unknown topic: the great famines that occurred in sertões of Minas Gerais, among the last years of the seventeenth century. The race for gold mining in the region has a quota population estimated at around 30 thousand people, from all parts of America Portuguese. The demographic impact, combined with the precarious forms of existence in a scenario dominated by nature, required the adventurers a tragic experience: the extreme shortage claimed the lives of many, forcing others to flee toward the nearby towns. Most, however, launched hand of improvised survival techniques: the use of hunting of wild animals, practiced on a large scale, resulted in very little time, the extermination of local fauna. The proposal here is to reflect on the joints between the imagination of the sertão, the appropriation of nature by settlers and the policy of the Crown in relation to supply, focusing as the axis of the analysis relations between man and the natural world, with the aim of defining a field of search for the environmental history of the beginning of Minas.

Keywords: Backwoods of Minas Gerais, Gold, Demographic impact.